

# PERCURSOS LEXICAIS DO DIALETO CAIPIRA<sup>1</sup>

Rayne Mesquita de Rezende<sup>2</sup>; Maria Helena de Paula<sup>3</sup>  
Departamento de Letras/*Campus* Catalão-UFG  
[raynemesquita@hotmail.com](mailto:raynemesquita@hotmail.com); [mhpcat@gmail.com](mailto:mhpcat@gmail.com)

**Palavras-chave:** léxico; cultura; caipira; Amadeu Amaral.

## Introdução

Serão apresentados os resultados finais da pesquisa intitulada “Percursos Lexicais do Dialeto Caipira”, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, modalidade Ação Afirmativa (PIBIC-Af), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa vincula-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (GEPHPOR) e ao projeto “Estudos de léxico do português”, ambos coordenados pela Professora Doutora Maria Helena de Paula.

A investigação do léxico considerado caipira, tratado por Amadeu Amaral ([1920], 1976<sup>4</sup>) no seu “O dialeto caipira”, em cotejo com os registros trazidos por Houaiss (2001) e Ferreira (2004), é o propósito deste estudo. Nesse sentido, é uma pesquisa de cunho bibliográfico, não comportando a descrição e a análise de dados que não estejam em Amaral (1976) e nas duas obras lexicográficas supracitadas.

Para melhor conhecermos o caminho que compreende o dialeto caipira, desde a sua origem, irradiação e permanência no léxico atual nas cidades do interior especificamente dos estados de Goiás, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, fundamentamo-nos em estudos sobre o que é e o que representa o léxico de uma língua, como o de Biderman (2001). Acerca da cultura caipira, base para o dialeto caipira, o referencial teórico por nós usado foram os estudos de Ribeiro (2008), Paula (2007) e Carmo (2008).

O *corpus* da pesquisa é a obra “O Dialeto Caipira”, de Amaral (1976), especialmente os capítulos “II - Lexicologia” e “ V - Vocabulário”. Este traz um glossário de palavras específicas do dialeto caipira, recolhidas e anotadas por Amaral, em contato com falantes vivos. Todos os itens do “Vocabulário” foram cotejados com os verbetes dos lexicógrafos

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi revisado pela Professora Doutora Maria Helena de Paula, orientadora da pesquisa.

<sup>2</sup> Graduanda do 3º Período do Curso de Letras (Inglês/Português), da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Bolsista do CNPq, modalidade PIBIC-Af.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão.

<sup>4</sup> A obra pioneira foi publicada pela primeira vez em 1920; para o presente estudo utilizamos a terceira edição, de 1976, à qual nos referiremos doravante.

Ferreira (2004) e Houaiss (2001), nas versões eletrônicas, com o intento de confirmar ou descartar algumas hipóteses levantadas a respeito dessa variante linguística.

## **Objetivos**

A presente pesquisa teve como objetivo principal comprovar a sobrevivência do dialeto caipira, contrariando a hipótese levantada por Amaral no citado livro:

Essas outras tendências irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autônoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do português peninsular, e até do português corrente nas demais regiões do país. Mas essa evolução já não será a do dialeto *caipira*. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares (AMARAL, 1920, p. 42).

Amadeu Amaral é considerado um dos melhores escritores do seu tempo. O jornalista, autodidata, poeta e pesquisador do folclore brasileiro foi pioneiro em se preocupar em observar e descrever o dialeto caipira como uma variante linguística e não como uma “forma errada” de falar.

Sob essa perspectiva e no encalço de verificar a hipótese levantada pelo autor, nos guiamos no sentido de atingir os objetivos traçados para o estudo da permanência do léxico caipira. De acordo com pesquisa e amparados nos estudiosos citados acima, mais detidamente pudemos estudar: como se constitui o léxico caipira (sua história e formação); quem foram seus primeiros falantes; quais as influências linguísticas recebidas e que constituíram as bases morfológicas, fonéticas e sintáticas do dialeto; quais fatores interferiram na sua conservação e como estão ligados a questões sócio-culturais; que possíveis marcas do dialeto caipira em permanecem em nosso léxico atual.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para a execução deste trabalho se deu em três etapas. A primeira compreendeu a leitura de obras teóricas, que deram o suporte necessário para a pesquisa. Como o intento da mesma é comprovar a sobrevivência do dialeto caipira, por meio da ocorrência de seus vocábulos, fez-se necessário entender o que é o léxico, o que é um dialeto e qual foi o caminho feito pelo caipirês. Essa etapa permitiu-nos compreender e definir cada um e, portanto, o léxico no dialeto caipira.

O léxico é um dos três subsistemas em que se divide a Língua Portuguesa. Ele nomeia, classifica e categoriza todos os elementos concretos e abstratos que conhecemos, sendo a forma que temos de dar nome à realidade. Nomear é o primeiro passo para categorizar uma coisa (animada ou inanimada). Ao separarmos as coisas em categorias, fazemos uso do nosso universo lexical e exercitamos a nossa função cognitiva, logo simbolizamos através do nome o conhecimento que temos da realidade (BIDERMAN, 2001).

O nome pode remeter a diferentes significados e referentes. A conceitualização é arbitrária, ou seja, o nome é dado de acordo com cada cultura e grupo social. Logo, o léxico é o subsistema da língua portuguesa que traz a marca registrada dos seus falantes, de acordo com as suas diversas realizações diatópicas e diastráticas possíveis. Nas palavras de Biderman (2001, p. 13), “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

O livro material de nosso estudo inscreve no título a palavra *dialeto*. Cabe-nos, então, apresentar breve definição sobre dialeto. Segundo Dubois *et al.* (2006, p. 184), o “dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a língua própria”. Isso equivale a dizer que dialeto significa um uso, uma norma específica de um dado lugar, geralmente o local de origem ou de longa permanência das pessoas.

Durante essa etapa, estudou-se também a história da formação da língua portuguesa em linhas gerais, para que depois fosse estudada a formação da variante caipira. Nesta fase, embasamo-nos em pesquisas e estudiosos de diferentes épocas como Melo (1946), Paula (2007) e outros. Desse modo apuramos sua origem, seus primeiros falantes e difusores além de fatores que permitirão a conservação do dialeto caipira até os dias de hoje.

Na segunda fase, com a devida orientação a respeito de alguns questionamentos e com o embasamento teórico, partimos para a leitura do *corpus* da pesquisa, o livro “O Dialeto Caipira”, de Amadeu Amaral publicado pela primeira vez no ano de 1920. Fez-se uso da terceira edição da mesma, que é do ano de 1976, prefaciada por Paulo Duarte. O livro é dividido em cinco capítulos dos quais estudamos notadamente o “II - Lexicologia” (p. 55-67) e o “V- Vocabulário” (p. 82-192).

O prefácio escrito por Paulo Duarte faz um panorama da obra e de seu autor, da importância do conteúdo daquela para as gerações futuras interessadas na dialetologia. Ele aponta também algumas falhas na metodologia de Amaral, mas reconhece que este foi o primeiro em se preocupar com o estudo do dialeto caipira tendo uma visão puramente científica, descritiva, a fim de compreender as particularidades do caipirês. Em síntese, pode-

se dizer que o léxico do dialeto caipira é simples, está intrinsecamente relacionado com o cotidiano dos falantes.

No capítulo II, vimos os elementos de formação linguística específicos do dialeto caipira, como:

- a) a origem de seu léxico;
- b) vocábulos de origem portuguesa, indígena e africana;
- c) palavras vernáculas;
- d) formação de topônimos;

O quinto capítulo do livro traz um glossário de mil e setecentas e quatorze palavras de uso corrente no dialeto caipira, registradas na primeira década do século XX por Amaral, no interior do estado de São Paulo. O autor evidencia o que pretende o capítulo em questão, considerando que:

Este glossário não se propõe reunir, como já dissemos em outro lugar, todos os brasileirismos correntes em S. Paulo. Apenas registra vocábulos em uso corrente entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeitos, difere bastante da da gente das cidades, mesmo inculta (AMARAL, 1920. p. 82).

Na terceira etapa da pesquisa, fizemos a comparação desses verbetes registrados por Amaral, com os registros pelos lexicógrafos mais usados e conhecidos no Brasil (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2001), ambos em versões digitalizadas. Procedemos da seguinte maneira: a) contabilizamos e enumeramos as palavras; b) elaboramos um quadro, contendo a numeração, os vocábulos exatamente como foram escritos no glossário e o resultado das comparações feitas com cada um dos dicionários.

As palavras foram divididas no quadro em *iguais*, *verbetes não registrados*, *significados semelhantes* e *palavras com significados iguais*, mas escritas por Amaral com grafia de acordo com a fala dos caipiras demonstrando a ocorrência de vários fenômenos fonológicos, como prótese, síncope desnazalação, metáteses, iotizações, aféreses, entre outros e que não cabem neste estudo de natureza lexical.

## **Resultados**

O dialeto caipira formou-se a partir da mistura entre a língua portuguesa falada pelos bandeirantes; do tupi, falado pela maioria das tribos indígenas e dos africanismos, já absorvidos no léxico dos próprios bandeirantes. Eles incorporam vocábulos de origem

africana por conta da convivência com os negros colonizados em províncias conquistadas no continente africano na época das grandes navegações em busca de especiarias e mão-de-obra escrava, lugares que correspondem a países como Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

Necessário é distinguir e extremar a influência africana no Português do Brasil, proveniente da escravatura, da contribuição direta ou indireta de línguas africanas ao Português europeu, contribuição trazida principalmente ao vocabulário, mercê da presença de negros escravos em Portugal, do contacto do Português com idiomas africanos no continente negro [...]. (MELO, 1946, p.59)

O uso de termos de origem africana se fez bem mais intenso com a chegada dos escravos negros ao Brasil Colônia. Anteriormente à a chegada dos negros no Brasil para o trabalho escravo advindos de várias partes do continente africano com pelo menos três tipos de língua diferentes, o nagô o iorubá e o quimbundo, os portugueses já haviam incorporado ao léxico do português lusitano algumas palavras de origem africanas, devido à convivência de portugueses e africanos nas partes do continente africano também colonizadas por eles.

Ainda segundo Melo, o influxo das línguas africanas foi mais profundo que os das línguas indígenas devido a maior proximidade e convivência mais duradoura com os negros. Elas marcaram a nossa língua mais em aspectos morfológicos e fonéticos. Já o tupi da maioria dos índios deixou seu marco mais forte em nosso léxico com um grande número de nomes de objetos, tôponimos e antropônimos. Por esse motivo, Melo diz que a influência tupi na formação do português do Brasil foi “mais horizontal”, ao passo que a africana foi “mais vertical”

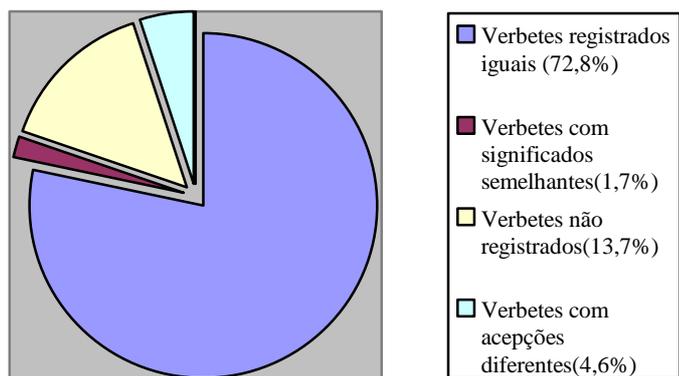
A Língua Portuguesa é a base morfológica e sintática do dialeto caipira. Segundo Amaral, o vocabulário do dialeto caipira é formado por elementos oriundos do português arcaico falado pelos colonizadores portugueses, termos provenientes de línguas indígenas, africanas, vocábulos importados de outras línguas por intermédio do português e alguns vocábulos vernáculos, que se formaram após o encontro das três línguas já em terras brasileiras, atendendo a especificidades do lugar.

Depois de discorrermos sobre a formação do léxico português, em linhas gerais, mas com o foco na formação do caipirês, na próxima seção vamos deprever e comentar sobre a obra utilizada como *corpus* de nosso estudo. Para comprovarmos o nosso objetivo principal, segue uma tabela com dez dos mil e setecentos e dezesseis verbetes registrados por Amaral em seu glossário, que teve seus verbetes comparados aos dicionários Ferreira (2004) e Houaiss (2001).

<b>PALAVRAS</b>	<b>AMARAL (1976)</b>	<b>HOUAISS (2001)</b>	<b>FERREIRA (2004)</b>
Arapuca	Armadilha para apanhar pássaros, feita de pequenos paus arranjados horizontalmente (p. 90).	Idem Amaral	Idem Amaral
Aça	Albino (p. 84).	Idem Amaral	Idem Amaral
Bocó	Palerma (p.100).	Idem Amaral	Idem Amaral
Canivete	Cavalo pequeno (p. 108)	Idem Amaral	Substantivo masculino. Pequena faca cuja lâmina, móvel, se encaixa no cabo.
Jacá	Cesto de taquara (146).	Idem Amaral	Idem Amaral
Muxiba	Artérias, pelancas "nervos" da carne (p.156).	Idem Amaral	Idem Amaral
Perrengue	Homem alquebrado, moleirão, imprestável (p. 164).	Idem Amaral	Idem Amaral
Quitanda	Designa coletivamente os doces, broas, biscoitos ou frutas e legumes expostos à venda (p.174).	Idem Amaral	Idem Amaral
Saci	Pássaro também chamado Semfim; entidade fantástica representada por um negrinho (p.177).	Idem Amaral	Primeira acepção sem registro
Xará	Indivíduo que tem o mesmo nome de outro (p. 192).	Idem Amaral	Idem Amaral

**Quadro 1** – Cotejo de verbetes em Amaral (1976), Houaiss (2001) e Ferreira (2004)

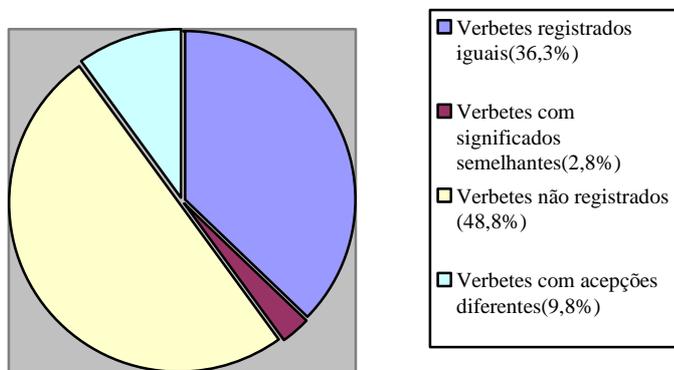
Depois desta pequena amostra do que foi feito com todos os verbetes registrados por Amaral, demonstraremos em gráficos a porcentagem de palavras oriundas do dialeto caipira dicionarizadas pelos lexicógrafos Houaiss e Ferreira, separadamente. Os resultados se dividiram entre verbetes não registrados, significados semelhantes, verbetes registrados, e verbetes com acepções diferentes. Vejamos o que demonstra o gráfico 1:



**Gráfico 1-** Percentual a partir do cotejo dos verbetes em Amaral (1976) e Houaiss (2001).

Nota-se a relevante ocorrência em Houaiss de verbetes com acepções iguais às registradas por Amaral. O que esse alto percentual significa diante das hipóteses de Amaral e das que nos guiaram na proposição desta pesquisa será discutido adiante, na próxima seção.

Observemos, a seguir, o gráfico 2 que demonstra os percentuais com a comparação dos verbetes em Amaral (1976) e Ferreira (2004).



**Gráfico 2 -** Percentual a partir do cotejo dos verbetes em Amaral (1976) e Ferreira (2004).

O segundo gráfico aponta relevante diversidade de registros, se comparado com Houaiss, e traz quase metade dos dados de Amaral não registrados, em que pese 36,3% serem verbetes registrados igualmente nos dois *corpora* nesse cotejo. Na próxima seção, procuraremos discutir o que estes resultados podem significar na pesquisa.

## Discussão dos resultados

Após terem sido apresentados os objetivos, a metodologia e os resultados alcançados, convém agora estabelecer uma relação entre cada aspecto da pesquisa, explicando e demonstrando os recursos dos quais lançamos mão para seu feito.

Escolhemos o léxico porque ele é o reflexo linguístico de uma sociedade e sua cultura, costumes e hábitos. É usando o léxico que o indivíduo demonstra suas vontades, sentimentos e lembranças. Isso só acontece porque o léxico nos permite categorizar cada signo (palavra) com seu significante e significado, o que possibilita a nossa capacidade de conhecer e distinguir o que nos rodeia, seja esta realidade concreta ou abstrata.

Como o nosso intento é comprovar a sobrevivência do vocabulário do referido dialeto, não poderia haver melhor fonte para pesquisa e confirmação da presente hipótese o excerto de Sapir (1966) em que explicita a relevância do nível léxico para o estudo das relações sociais:

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época, a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e cultural (SAPIR, 1969, p. 51, citado por PAULA, 2007, p. 94).

Também é no léxico que percebemos a variação linguística, já que é por meio da linguagem verbal de um indivíduo que se descobre muito a seu respeito; como por exemplo, sua idade, classe social, condição financeira, grau de escolaridade e de qual região de um país este advém, uma vez que a língua oficial do país apresenta a mesma estrutura gramatical, morfológica e sintática, mas de acordo com cada região a língua sofre variações que são, como já consideramos, conhecidas como dialetais ou variações de motivação diatópica.

A diferença dessas realizações não pode ser considerada como erros imperdoáveis, mas apenas como normas distintas adotadas por cada grupo de indivíduos para executar a língua. A cognição linguística do sujeito é adquirida de acordo com o ambiente em que ele vive, logo a sua competência linguística é variável e influenciada por fatores sócio-ambientais.

Trabalhamos nessa pesquisa mais especificamente com a modalidade escrita da linguagem, não por desmerecermos o valor da oralidade e sim porque os verbetes registrados por Amaral (1976) em seu glossário, anteriores a década de XX, foi o caminho que encontramos de pesquisar e comparar as palavras do dialeto caipira e analisar se elas estavam

cristalizadas nos dicionários. Escrita e fala mantêm vivo o léxico de uma língua para a posteridade e ambas concretizam o sistema abstrato, os paradigmas gramaticais e lexicais do sistema linguístico.

O léxico do dialeto caipira, variante diatópica e diastrática do português falado no Brasil surgiu da necessidade de comunicação entre colonizadores e índios, fazendo surgir a denominada Língua geral, com fortes influências e empréstimos de línguas indígenas, mas também das africanas. Os próprios bandeirantes foram os primeiros falantes do dialeto caipira e responsáveis pela sua expansão no interior do país.

A marca mais profunda desses desbravadores não se restringe à dominação lusitana do Brasil: vai muito além e se funde à história da variante do português falado no Brasil e especialmente a do dialeto caipira. Ainda que muito se discuta sobre o dialeto caipira e sua formação, como o reconhecido Projeto de História do Português Paulista (PHPP – Projeto Caipira), coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho da Universidade de São Paulo (CASTILHO, 2009), não há, por enquanto consenso sobre seus percursos para a sua constituição e possível permanência.

No entanto, é preciso reconhecer que mais que estudar o dialeto caipira do ponto de vista diatópico, devemos encará-lo, sobretudo, como uma realização de dado estrato social, pelo menos na sua constituição inicial, e que hoje pode não ser distintiva no estudo de seu estágio atual. Santiago-Almeida *et al.* (2009, p. 165-172) discutem, a partir de dados do Projeto Filologia Bandeirante<sup>5</sup>, como práticas culturais sustentam sobremaneira a rota do dialeto caipira.

Convém falarmos, agora, sobre o sujeito caipira. Optamos por apresentar um resumo da formação da sociedade caipira. Tudo começou por conta das expedições bandeirantes. A capitania de São Paulo passava por sérios problemas financeiros, porque graças à produção abundante de açúcar no nordeste brasileiro, especialmente em Pernambuco e na Bahia, o centro financeiro da Colônia era o litoral nordestino – o que entendemos por São Paulo era um amontoado de vilas, sem peso na economia colonial.

Em busca de índios para serem vendidos e gerarem renda aos paulistas e servirem de mão-de-obra escrava junto com os negros nos engenhos nordestinos, os bandeirantes partiam em caravanas com grande número de pessoas saindo de São Paulo e adentrando o interior selvagem do país. Parte do grupo se fixava em determinado lugar onde havia condições necessárias de plantio e caça para sua subsistência e dos desbravadores, que no retorno para

---

<sup>5</sup> Sobre o projeto Filologia Bandeirante, recomendamos consultar mais detidamente histórico e resultado em estudos organizados por Megale (2000).

São Paulo passavam por estas sitiolas para comerem e se hospedarem. Alguns decidiam ficar nessas paradas e não retornavam ao seu lugar original, dando origem a formações populacionais incipientes que gerariam, depois, vilas, povoados e muitas cidades brasileiras setecentistas e oitocentistas.

Durante estas andanças dos paulistas se descobrem grandes quantidades de ouro na região de Minas Gerais e, posteriormente, em uma parte de Goiás e Mato Grosso. Nesse interim, o sistema açucareiro entra em declínio, o que torna a mineração a atividade extrativista mais rentável, a nova base da econômica da colônia brasileira logo depois se escasseando também (RIBEIRO, 2008)

Para este estudioso da sociedade brasileira, cidades como Ouro Preto e Diamantina mantidas pela exploração de minérios preciosos, ofereciam nesta situação poucos meios de ganhar a vida aos seus moradores. Deixar estas terras e procurar outras pouco exploradas foi a saída para muitos que viviam do ouro.

Com estes à procura de novas formas de vida foram agregados e escravos quando os possuísem ou apenas homens e mulheres que eram a força de trabalho para o auto-sustento, fazendo surgir uma economia de subsistência e baseada no modo de vida peculiar e nas trocas vicinais. Essa leva de pessoas, juntamente com os bandeirantes, que reiteradas vezes voltavam ou os que permaneceram nos pousos, ou com os deles herdeiros, constituiriam o que se pode considerar a população brasileira caipira, como considera Ribeiro (2008):

O equilíbrio é alcançado numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como *área cultural caipira*. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos e anciliares de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e outros bens. Acaba por esparramar-se falando afinal a língua portuguesa, por toda a área florestal e campos do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná. Desse modo, a antiga área de correrias dos paulistas velhos na preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira, ocupada por uma população extremamente dispersa e desarticulada (RIBEIRO, 2008, p. 383).

O caipira viveu bem a seu modo simples, sem grandes ambições, apoiado na agricultura de subsistência, em que contavam durante o plantio e a colheita ou em situações semelhantes do trabalho rural com a ajuda de vizinhos. As comunidades caipiras, também se reuniam em momentos de festas e comemorações de cunho religioso<sup>6</sup>. De acordo com Carmo

---

<sup>6</sup> Conferir detalhado estudo de Duarte (2008) sobre práticas religiosas entre vizinhos no contexto caipira de Catalão-GO.

(2008), essas são as estruturas básicas de formação da sociedade caipira e das pessoas que dela fizeram ou ainda fazem parte. Para a autora,

Caipira é a denominação dada ao indivíduo que habitava o interior do estado de São Paulo, vivendo basicamente da agricultura e com modos de produção baseados na economia familiar e no auxílio de vizinhos, que formavam os bairros rurais, relativamente fechados e de cultura inicial marcada por constantes deslocamentos (CARMO, 2008, p. 380).

Os caipiras não foram afeitos a acompanhar as mudanças sócio-econômicas por que passava o Brasil, vivendo, na sua maioria, reclusos às suas comunidades, povoados, pequenas cidades ou roças. Pode-se afirmar que atualmente, com a avassaladora globalização nem os caipiras estão imunes à sua influência, mas acreditamos que em seu aspecto linguístico permaneceram relevantes características.

Feitas tais considerações sobre o caipira, do ponto de vista histórico-social e geográfico, para cumprir o propósito de discutir os resultados alcançados, explicitaremos a etapa prática e comparativa de nossa pesquisa.

O *corpus* deste estudo sobre o linguajar caipira, o livro “O Dialeto Caipira” foi lançado no ano de 1920 e, como dissemos anteriormente, utilizamos sua terceira edição, de 1976. O glossário das palavras mais recorrentes no dialeto caipira registradas por Amaral deu embasamento para a parte prática da pesquisa. A fim de comprovarmos a permanência de vocábulos do caipirês, comparamos e verificamos qual o percentual dos que foram definitivamente incorporados ao léxico atual. Uma quantidade considerável de vocábulos caipiras figura em nosso léxico fundamental do português usado no Brasil.

Para tanto, usamos o glossário de Amaral e dois dos dicionários mais conhecidos e de maior renome no Brasil: o de Ferreira (2004), mais popularmente conhecido como Aurélio, e o de Houaiss (2001), nas versões digitalizadas. O Miniaurélio Versão Eletrônica 5.12, contém trinta mil verbetes e o Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa 2.0 contém duzentos e vinte oito mil e quinhentos verbetes.

Dentro do quadro comparativo que elaboramos do glossário com cada dicionário, as palavras se subdividem em quatro categorias representadas por abreviaturas e sinais, assim estabelecidas:

a) *verbetes registrados com igual acepção* (=): dizem respeito aos que estavam exatamente iguais no glossário e nos dicionários. Foram também agrupadas nessa categoria, palavras semanticamente iguais, mas com diferenças apenas na ortografia dada a presença de síncope, apócope, aférese e iotizações, entre outros fenômenos sofridos ao longo do tempo.

b) *verbetes registrados com significados semelhantes (S.S.)*: são palavras que em alguma acepção das registradas nos dicionários apresentam significado e grafia parecidas, sem serem totalmente iguais, porque no contexto caipirês assumem uma significação específica.

c) *verbetes não registrados (V.N.R.)*: são as palavras não encontradas nos dicionários.

d) *verbetes registrados com acepções diferentes*: referem-se aos que foram copiados dos dicionários, pois se tratavam do mesmo significante, mas com significados diferentes.

Em Ferreira (2004), 36.3% das palavras foram registradas com o mesmo significado, 2.8% das palavras com significados semelhantes, 48.8% de palavras não registradas e 9.7% de palavras registradas com acepções diferentes.

Já em Houaiss (2001), 72.8% das palavras foram registradas com significados iguais, 1.7% com significados semelhantes, 13.7% de palavras não registradas e 4.6% de palavras com acepções diferentes no dicionário.

Os resultados deste último lexicógrafo são prova de que a hipótese do desaparecimento do dialeto caipira levantada por Amaral não procedeu, o que confirma o objetivo principal desta pesquisa: verificar, nos *percursos lexicais do dialeto caipira*, evidências de sua permanência no tesouro léxico do português usado no Brasil hoje.

Os dados de Houaiss já bastariam para a confirmação de nossa hipótese de pesquisa. No entanto, o uso de Ferreira (2004) não invalida nossos resultados e discussões. Devemos, sobretudo, considerar a considerável diferença no número de verbetes registrados nas versões digitais dos dois dicionários, o que poderá explicar a salutar discordância de dados. Como não é nossa intenção comparar os dois dicionários, apresentamos a seguir apenas a confirmação do que ora ponderamos: Ferreira (2004) registra cerca de 30.000 verbetes dicionarizados e Houaiss (2001), 228.500 verbetes dicionarizados

Insistimos que essa diferença gritante de quase 200.000 verbetes explicaria o porquê do grande número de palavras não encontradas em Ferreira (2004), já que parte considerável dos verbetes registrados por Amaral faz parte do léxico da língua portuguesa em geral e não se restringe ao léxico caipira, como evidenciam os registros nas duas referências lexicográficas.

O cotejo foi realizado com base na versão eletrônica e mini do dicionário. Não podemos afirmar que se cotejássemos com outras versões, como a impressa, os dados seriam divergentes dos apresentados. Como ressaltamos, não é objetivo deste estudo analisar os dicionários e sobre eles emitir juízo de valor: foram usados tão somente para avaliar nossa hipótese inicial.

## Palavras finais

Sobre a presente pesquisa, podemos concluir o êxito do que nos propomos a fazer: demonstrar e comprovar a permanência do dialeto caipira em nosso linguajar atual, bem como afirmarmos que seus resultados agora nos servirão de base para futuros estudos.

Por meio da comparação dos verbetes registrados por Amaral (1976) anteriores à década de XX com os dicionários Houaiss (2001) e Ferreira (2004), chegamos à confirmação de que a hipótese levantada por Amaral do desaparecimento do dialeto caipira não se efetivou.

Para engrossar nossos resultados, recentemente a Revista Língua Portuguesa publicou um artigo escrito pelo professor Sírio Possenti do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que trata dos fenômenos linguísticos em que o uso de elementos da sintaxe antes considerada como unicamente caipira está cada vez mais presente no “discurso de pessoas letradas”.

Dizendo de outro modo, pessoas com maior nível de instrução e conhecimento da forma padrão de utilização da língua usam igualmente o que Amaral julgou ser do dialeto caipira em suas construções sintáticas. Embora nosso estudo seja especificamente na área lexical, dados e discussões como os do referido artigo, ainda que a respeito da sintaxe, servem para reforçar e comprovar mais uma vez a vivacidade do dialeto caipira, que sobrevive em todos os níveis da gramática e do léxico do português usado no Brasil.

Tratamos, no estudo que ora apresentamos, da conservação lexical de palavras do dialeto caipira de uma forma geral, englobando todos os estados falantes do linguajar caipira no Brasil. Pretendemos, doravante, dar continuidade ao tema, fazendo um recorte no dialeto caipira no estado de Goiás, analisando sua ocorrência, conservação e aspectos socioculturais.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande-MS; EDUFMS.2001. p. 13-22.

CARMO, L. do. **A voz do caipira em Amadeu Amaral**. Fundação Casa Rui Barbosa, 2008, p. 375-390. Disponível em: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/11122008005546.pdf>.> Acesso em 10 jun. 2011.

CASTILHO, A. T. de. (Org.). **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

DUARTE, A. do N. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Brasília, Brasília-DF, 2008.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Língua Portuguesa**. 11. ed. São Paulo, Cultrix, 2006. p. 184.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Positivo Informática, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEGALE, H. (Org.). **Filologia Bandeirante - estudos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

PAULA, M. H. de. **Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 521f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

POSSENTI, S. Quando o desvio é regra. **Língua Portuguesa**. São Paulo: Segmento, ano 5, nº 68, jun, 2011. p. 20-21.

RIBEIRO, D. O Brasil caipira. In: \_\_\_\_\_. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 364-407.

SANTIAGO-ALMEIDA, A. M. *et al.* Aspectos lingüístico-culturais na rota caipira. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009. p. 165-172.